INTERSEÇÕES POÉTICAS: UMA PONTE DIALÓGICA DA POESIA MODERNISTA E CONTEMPORÂNEA POR MEIO DA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA E HERBERTO HELDER, EM "HORA ABSURDA" E "PARA O LEITOR LER DE/VAGAR"

POETIC INTERSECTIONS: A DIALOGICAL BRIDGE BETWEEN MODERNIST AND CONTEMPORARY POETRY TROUGH THE POETRY OF FERNANDO PESSOA AND HERBERTO HELDER IN "HORA ABSURDA" AND "PARA O LEITOR LER DE/VAGAR"

Isa Maria Marques Oliveira[1]

RESUMO: Os poemas "Hora Absurda", de Fernando Pessoa e "Para o leitor ler de/vagar", de Herberto Helder tiveram um destaque para evidências de elementos metapoéticos que apresentavam o uso de metáforas, em que a metalinguagem utilizada por ambos os poetas teve uma interseção visível de suas ideias em relação a temas tais quais: a poesia, o leitor e o próprio autor. Contudo, a poesia portuguesa se revelou uma poesia que dialoga com outros textos e trouxe reflexões sobre o fazer poético e as interfaces/relações que a palavra estabelece através de suas condições poéticas, proporcionadas entre poeta e poesia, poeta e leitor, poeta e outros poetas.

Palavras–Chave: Fernando Pessoa; Herberto Helder; Poesia Moderna; Poesia Contemporânea; Metapoesia

ABSTRACT: The poems "Hora Absurda" by Fernando Pessoa and "Para o leitor leitor ler de/vagar" by Herberto Helder showcased the evidence of metapoetic elements that presented the use of metaphors, in which the metalanguage utilized by both poets had a visible intersection of their ideas in relation to themes such as: the poetry, the reader and the author himself. Nonetheless, the portuguese poetry has revealed itself as a poetry that dialogs with other texts and has brought reflections about the poetic doing and the interface/relationships the word establishes through its poetic conditions, provided by the interactions between poet and poetry, poet and reader, poet and other poets.

Keywords: Fernando Pessoa; Herberto Helder; Modern Poetry; Contemporary.

[1] CEFET/MG - poetaisa@gmail.com

INTRODUÇÃO

O modernismo português surge no início do século XX, meados de 1910 e destaca-se através das publicações na revista *Orpheu* (1915) com autores como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Mário de Sá Carneiro, Luís de Montalvor, com o intuito de revolucionar a cultura portuguesa. As gerações posteriores ao modernismo como o neorrealismo e o surrealismo, consideradas como aquelas que vieram após a vanguarda modernista e experimentalista foram mais conhecidas como contemporâneas[2] e resistem até os dias atuais, transitaram entre os séculos XX e XXI.

Algumas leituras e releituras da poesia portuguesa feitas durante o processo de construção do conhecimento da poética de Pessoa e Herberto apontaram para possibilidades ambivalentes entre as poéticas desses autores. Inicialmente, as leituras conduziram mais para aproximações, mas houve estudiosos apontando para dissonâncias entre os poetas portugueses, o modernista Fernando Pessoa e o contemporâneo Herberto Helder. Dadas as possibilidades em mãos, a aproximação da poética entre ambos era algo mais evidente que as dissonâncias, estas voltadas mais para uma concepção de pensamento dos poetas em relação às vanguardas portuguesas, ambos apresentavam um posicionamento claro sobre o movimento surrealista português. As aproximações eram bastante pontuais em se tratando de temáticas específicas e bem direcionadas, que convergiam para diálogos possíveis entre os autores, por meio de um olhar sobre a metapoesia.

Fernando Pessoa em relação aos surrealistas apresentou-se divergente quanto à ideia poética, pois em Pessoa tem-se uma produção voltada para a fragmentação do sujeito poético, a proposta heteronímica foi de encontro aos surrealistas que preconizavam a unicidade, o fim das diferenças entre as coisas.

Na perspectiva de ver onde e como o diálogo entre os autores era possível, o estudioso português João Décio fez em seu artigo de introdução ao estudo da poesia de Herberto Helder, uma pergunta da qual foi o aporte para dimensionar a poética Herbertiana em consonância com a de Pessoa. Com isso, o intuito foi tentar respondê-la através da análise que se propõe este trabalho:

> Abrindo novo parêntese, é preciso lembrar que a palavra poética em Herberto Helder é ambivalente: de um lado remete a um referente de ordem intelectiva (um sentimento, uma sensação, uma ideia do mundo); de outro remete à própria palavra. Não seria este aspecto da dupla referência que faz grande a poesia de Herberto Helder e de alguns outros poetas da atualidade em Portugal? (DÉCIO, 1971, p. 146)

O diálogo que aqui se pretendeu buscar foi uma abordagem dos aspectos da metapoesia. De acordo com a exposição de Décio (1971), tratar-se-ia de um referente ao estudo da ordem da palavra. Não será objetivo desse trabalho fazer uma aferição da intertextualidade, mas uma relação de hipertextualidade e hipotextualidade[3] como método de análise dos poemas escolhidos.

2 Foi adotado o termo 'contemporâneo' para a designação das expressões pós-modernistas as quais são mais conhecidas e caracterizam toda a gama de produção existente até os dias atuais, transitando entre os séculos XX e XXI.

3 Entende-se por intertextualidade a presença de um texto dentro de outro, mas compreende-se a hipertextualidade como a relação de um texto hipotético A com outro texto B anterior, sem necessariamente haver a menção de um ao outro diretamente. Chamaremos aqui de hipertexto aquele em análise (texto A) e hipotexto o outro anterior em comparação (texto B).

Os poemas tiveram como critério primeiro de escolha, um destaque para evidências de elementos metapoéticos que apresentassem o uso de metáforas,[4] em que a metalinguagem utilizada por ambos os poetas tivesse uma interseção visível de suas ideias em relação a temas tais quais: a poesia, o leitor e o próprio autor.

Objetivamente buscou-se compreender o tratamento e o pensamento dos poetas enquanto autores em relação a esses temas, de forma conjunta ou em separado. Da poesia de Fernando Pessoa, procurou-se no conjunto de seus trabalhos a sua presença poética nos escritos. Buscou-se no ortônimo Fernando Pessoa e do poeta Herberto Helder resgatar esse posicionamento como criador/autor/poeta e extrair das poesias o olhar de cada um sobre essas temáticas. Os poemas "*Hora Absurda*" do ortônimo Fernando Pessoa e o poema "*Para o Leitor ler de/vagar*" de Herberto Helder[5] foram os escolhidos segundo os critérios metodológicos mencionados anteriormente.

Décio (1971) mostrou em seu estudo introdutório que as tendências presentes na poética de Fernando Pessoa como o sensacionismo, também estão presentes na poética de Herberto Helder e que, "alguns de seus poemas se revelam poemas de busca, em que o poeta procura uma solução para a vida e para o próprio poema" (DÉCIO, 1971, p. 43).

Contudo, a poesia portuguesa se revelou uma poesia que dialoga com outros textos e trouxe reflexões sobre o fazer poético e as interfaces/relações que a palavra estabelece através de suas condições poéticas proporcionadas entre poeta e poesia, poeta e leitor, poeta e outros poetas.

O POETA NA POESIA

A presença do poeta na poesia esbarra em nuances, ora filosóficas ora poéticas, que criaram divisores de água tais como a definição de sujeito[6]e autor. Enxergar a presença do poeta ao que ele se propõe dentro da obra é buscar desconstruir a presença do sujeito e deixar o autor desnudado no texto e apresentar suas relações e interfaces. Compreender as metáforas e adentrar na metapoesia torna-se o caminho possível para se perceber a presença poética do autor e abrir o espaço que cabe à interpretação como um exercício de estudo literário e de linguagem, como defendeu Castro (1998),

> Ao lado da Poética filosófica, que pensa as obras poéticas por um paradigma que lhes é externo, podemos também pensar outra Poética, que se origina na dinâmica do próprio fazer poético. Há, portanto, duas Poéticas: a que nos advém na palavra do

4 A metáfora por ser uma função de linguagem que denota uma característica cujo significado das palavras apresenta traços sublimes às infinitas possibilidades de leitura; é também uma forte evidência provável de que há uma representação ou personificação por detrás de seu uso na poesia, como ocultar direcionamentos e apontamentos caros ao autor.

5 Do conjunto "Poemas Fernando Pessoa, ele mesmo", o poema foi extraído da obra de Antologia Poética organizada pela estudiosa em literatura portuguesa, Cleonice Berardinelli (UFRJ), 2012 e do conjunto de obras reunidas de Herberto Helder, extraiu-se do livro "Ofício Cantante – poesia completa" edição portuguesa editada e publicada pela Assírio & Alvim, 2009. "Ou o poema contínuo", obra publicada em edição brasileira, de 2006 mantêm as mesmas características e conjunto do "Ofício cantante", salvo a exceção do mais recente livro "A faca não corta o fogo" que foi incluído pelo autor posteriormente em "Ofício cantante" (2009).

6 Considera-se aqui, para fins de distinção, o sujeito biológico, o poeta enquanto pessoa, o ser. Para melhor distinção e compreensão chamaremos então de "poeta-sujeito". Não confundir com o sujeito poético que neste trabalho será mencionado como autor/criador do texto poético, "poeta-autor".

> filósofo e a que nos advém na palavra do poeta, ou seja, nas obras como manifestação da poiesis. Nesta perspectiva, temos um duplo caminho contraditório. De um lado, a Poética filosófica define o que é a poiesis a partir da sua concepção de conhecimento, de outro, é a poiesis que se dá com Poética nos poemas dos poetas. Seja na palavra do filósofo, seja na voz do poeta, Poética e poiesis radicam na questão da interpretação. Examinar os diferentes aspectos da interpretação é lançar luz sobre a Poética e a poiesis. (CASTRO, 1998, p.1)

O POETA E A POESIA EM A "HORA ABSURDA", DE FERNANDO PESSOA

Fernando Pessoa foi um expoente da poesia modernista portuguesa e representou o que se entenderia como parte do rompimento de uma poesia tradicional calcada nas vanguardas da tradição clássica até o movimento surrealista. A poesia Pessoana apresentou a consciência de um novo processo criativo que se instaurava na poesia. Esse momento surgiu como uma *poiesis* preocupada com a própria expressão da linguagem. Linguagem esta que fosse recriada a partir da desconstrução do eu, onde ele cria personalizações que desvinculam o poeta-autor do poeta-sujeito[7], uma característica da modernidade.

Em a "Hora Absurda" (1913), a figura do poeta assinada pelo ortônimo Pessoa, já mostrava que ele daria vida a outros personagens autorais: "E a minha ideia de te sonhar uma caravana de histriões..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 23). Neste verso, o termo 'histriões' remonta aos conhecidos atores saltimbancos que representavam as farsas da antiguidade, em que essas farsas preludiem a ideia de um poeta fingidor que assumirá outras identidades como vieram a ser os heterônimos, a despersonalização do poeta foi anunciada por Pessoa em seu ortônimo.

A metáfora "*Hora*" grafada com a inicial maiúscula é indicativa de que se refere ao poeta, o verbo em primeira pessoa do singular que o acompanha assume a identidade do sujeito falante do enunciado nos versos e se apresenta como tal. "(...) É em mim... Sou a Hora,/E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 23). A "*hora*" grafada em minúscula representa a metáfora da poesia. A relação estabelecida entre o poeta e a poesia através das metáforas "*Hora*" e "*hora*" evidenciou uma relação atemporal, marcada por uma passagem que é conduzida de acordo com o espaço, tempo e silêncio.

Outra representação dada à poesia é quando ela surge da voz de um deus (elemento criador) e a poesia passa a ser a criação/criatura, pois o poeta é remetido ao mito grego do deus Apolo, chamando-o de "*fingido*", novamente o autor alude à heteronímia: "E a ideia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 24). Em relação aos heterônimos o poeta afirma que os mesmos são de sua autoria e suas vozes poéticas revelam as várias vozes que tem dentro de si: "Todos os ocasos fundiram-se na minha alma..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 24).

No poema a relação entre poeta e poesia se dá de forma direta, íntima e próxima, a enunciação mostra um poeta que fala à poesia como se estabelecesse um diálogo, não faz evocações como se a poesia fosse o elemento contemplativo ou a musa inspiradora. A poesia é parte da construção poética, faz jus à existência do poeta. A menção

7 Lembrando que o sujeito aqui trata-se de sujeito biológico.

"Absurda", no título do poema, foi dada como complemento para a "Hora", o poeta já diz quem é e a que veio, pois o significado de absurdo segundo dicionário Aurélio remete a ideia e definição de "contrário ao bom senso, à razão, ao costume ou a qualquer tipo de verdade ou modelo estabelecido" (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2001, p.6 [absurdo]).

O poeta se posiciona como a "Hora" e ao adjetivar-se "Absurda" reforça o posicionamento de uma poesia que veio mudar com a concepção tradicional literária em Portugal, é a manifestação do modernismo na construção de um pensamento poético sobre a poesia.

Fernando Pessoa, segundo Berardinelli (2012), relatou que os heterônimos são frutos de seu pensamento poético, como se quisesse mostrar uma poiesis que fosse fruto da razão. Em "Hora Absurda" o sensacionismo defendido por Décio (1971) comprova-se, uma vez que a *poiesis* Pessoana reflete os sentimentos do poeta em relação ao mundo que lhe cerca a vida e a própria poesia. Ainda assim, prevalece o desejo do poeta de escapar-se da realidade, segundo Berardinelli (2012), "manifesta-se o desejo de escapar-se, de perder a própria personalidade humana" (BERARDINELLI, 2012, p. 265), "Pessoa leva o desejo de evasão ao mais alto grau, fugindo à sua própria realidade." (JOHANSEN, S. op. cit., p. 276 apud Berardinelli, 2012, p. 265 [nota de rodapé]) através da negação. Um poema carregado de metáforas visuais em que há a preocupação com a linguagem poética e a sua expressão como forma de representação do que o modernismo veio propor.

DA POESIA "*PARA O LEITOR LER DE/VAGAR*", DE HERBERTO HELDER: O POETA E A POESIA

Herberto Helder considerado um poeta contemporâneo de um estilo um tanto complexo e denso pela produção literária editada até hoje, foi e ainda é, muitas vezes visto como um poeta de difícil compreensão tanto como escritor quanto em sua poiesis. Autor que publicou obras poéticas desde o final dos anos 50, transitou entre o surrealismo, o experimentalismo e segundo os estudiosos, pode ser considerado um contemporâneo que mais dialoga com o modernismo português, e por ser um poeta em constante transmutação é difícil enquadrá-lo em qualquer movimento.

A poesia de Herberto Helder possui uma característica metafórica, imagética em que sua leitura é marcada por modos singulares, como a presença da alteridade, quando o autor quer transmitir à escrita um sentimento que não parte de si.

Segundo Gusmão (2010), a poesia de Herberto Helder remete a uma reflexão da sua poética que sempre esteve em transmutação junto com a escrita, a imagem e o sujeito. E a invenção se dá através da experiência. A sua experiência de criação do poema acontece pela invenção. É por isso que Gusmão chama de "poética da invenção" o modo de Herberto tratar a poesia.

> (...) uma poética da invenção. Na sua obra, encontramos insistentemente representações figurais da cena escrita, ou poemas que podemos designar como 'artes poéticas'; mas trata-se em geral de gestos e de figurações de uma poética imanente ao poema, que não se diz de fora ou ao lado da poesia, e que se furta a uma suposta e ilusória transparência do pensamento da poesia sobre si própria, antes é movimento fazendo-se e reflectindo-se. (GUSMÃO, 2010, pp. 378-379)

Martelo (2004) ressalta a característica da escrita de Helder ser fruto de experiências e não sentimentos e pensamentos, mas que acompanha ritmos, estes entendidos como o sentido da experiência escrita. Segundo Martelo (2004) a "dissolução da identidade acontece no contexto de uma busca de conhecimento totalizante e até unitivo do mundo, consistindo num efeito inseparável da própria experiência da escrita" (MARTELO, 2004, p. 186).

Martelo (2004) expôs o que mais tarde veio Gusmão (2010) argumentar que a poética de Helder esteve sempre calcada naquilo que ele chama de experiência do mundo, não no sentido de representar o mundo, mas suas realidades discursivas em face a outras realidades que se dão através da experiência verbal, no trato com a palavra.

A escrita segundo Helder, "representa-se a si, e a sua razão está em dar razão às inspirações reais que evoca.//E produz uma tensão muito mais fundamental que a realidade" (Helder in Photomaton & Vox, 1995, p. 144 apud MARTELO, 2004, p. 192), a poesia está dentro da visão de realidade apontada pelo poeta, ainda segundo ele: "É nessa tensão real criada em escrita que a realidade se faz." (Helder in Photomaton & Vox, 1995, pp. 56-7 apud MARTELO, 2004, p. 193). A poesia é a realidade do poeta, nela ele constrói um mundo poético o qual ele se despersonifica enquanto sujeito biológico e adentra como autor, a passagem do poeta-sujeito para poeta-autor.

No poema "*Para o leitor ler de/vagar*" da obra "*Lugar*", publicada em 2009, no conjunto "Ofício Cantante", percebeu-se uma linguagem metapoética em que o autor expôs a figura do poeta, da poesia e do leitor mostrando as interfaces de cada um em sua poética. A voz do poeta se constrói de acordo com a leitura, marcando o ritmo da poesia, do leitor e demarcado pelo ritmo do autor, uma voz em construção. Sua poética torna-se uma criação inventiva à medida que ela se dá pela construção lenta como uma produção de uma obra de arte, uma escultura ou uma pintura e assim ele constrói imagens no poema através de um diálogo metapoético.

A presença do poeta neste poema se revela quando o mesmo mostra a razão pela qual ele anuncia o mundo a sua volta e a motivação da sua existência, que são o leitor e a poesia: "Volto minha existência derredor para. O leitor. As mãos/espalmadas./As costas" (HELDER, 2009, p. 128).

O verso "As mãos espalmadas" remonta à imagem das mãos estendidas que está segurando algo, ao que o poeta não evidenciou o que se tratava. Mas ao referenciar o leitor a quem dirige o poema, remete a ideia possível de se tratar que há uma obra sendo segurada pelas mãos. Um gesto de recepção do leitor que recebe o poeta e sua poesia. A representação do gesto de um leitor cuja expressão de espalmar as mãos para segurar um livro aberto, tem em mãos à obra, e esta obra representa o poeta.

Assim como na primeira, a segunda estrofe apresenta um sujeito falante em primeira pessoa do singular, o poeta se posiciona como o enunciador, e seu enunciado tem um tom forte e imperativo ao apresentar um verso isolado e centralizado na estrofe. E prossegue numa metáfora a qual se compara a uma pedra, uma pedra bruta e comum, opaca e sem cor, uma pedra que pensa, traduz a representação do autor no poema, pois ele é quem conduz o leitor no poema e indica no próprio poema as suas representações, criando as personificações através das metáforas.

Sou fechado
Como uma pedra pedríssima. Perdidíssima
Da boca transacta. Fechado.
Como uma. Pedra sem orelhas. Pedra uma
Reduzida a. Pedra.
Pedra sem válvulas. Com a cor reduzida
Um dia de louvor. Proferida lenta.
Escutada lenta. (HELDER, 2009, p. 128)
//
(...)
Minha pedra pensada com forma
De. Uma lenta vida elementar (HELDER, 2009, p. 129)

Herberto Helder em "*Para o leitor ler de/vagar*" mostra uma poesia em construção, onde estabelece um diálogo demarcado com o leitor e consigo mesmo. Busca definir sua poética através de personificações em que utiliza recursos metafórico e metalinguístico. O poeta criou uma poesia imagética ao mostrar quem é o poeta/autor e seu leitor. O poeta descreve qual é o leitor de sua poesia através de características que ele pauta na própria estrutura do poema, o qual ele desloca o sujeito da sua condição comum de indivíduo para uma postura de leitor que sua poesia exige. Sua poesia não é para um leitor qualquer, mas um leitor que se atém à sua poética e dela faça parte.

O LEITOR NA POESIA: QUEM É O LEITOR EM HERBERTO HELDER E FERNANDO PESSOA

Fernando Pessoa reconhece o leitor e sua existência em suas obras, muitas delas ele menciona-o como se falasse diretamente com ele. O leitor em Fernando Pessoa é aquele que nunca será capaz de perceber o que o poeta expressa. Segundo Ziberman (1995) o leitor tem um papel racional de compreender a poesia que lê como um lirismo, expressão do sentimento mais íntimo do poeta, e no caso de Fernando Pessoa, o poeta se torna incompreendido, porque seus heterônimos não traduzem o sujeito, mas o pensamento do autor. Porque o poeta-sujeito seria a unicidade, e em Pessoa, o poeta-autor são os heterônimos, frutos da sua imaginação inventiva, figuras pensadas, criadas.

O leitor nunca entenderá que o berço do fingimento em Fernando Pessoa nasce da sua imaginação, da sua invenção. Fernando Pessoa mostra em a "Hora Absurda" que o seu leitor incompreende a poesia que ele apresenta, pois vê nela a obscuridade de um disfarce sentimental, que não é real e um poeta que se divide em várias *personas*, como unir tantos sentimentos diversos? E lança o desafio que é dado ao leitor que não enxerga em Fernando Pessoa a poética da criação inventiva, inovadora, características elementares do modernismo.

A presença do leitor em a "*Hora Absurda*" é confrontada com a presença do poeta e sua *poesis*:

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...
No meu céu interior nunca houve uma única estrela...
(Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 23)

O verso "Chove ouro baço" mostra que um novo processo de criação já havia começado dentro do poeta, mas não havia sido ainda percebida ou captada pelo mundo, pelo leitor ou público: "mas não no lá-fora...". Esse processo começa nele, no poeta: "É em mim...Sou a Hora,". A viúva no poema é uma personificação ao leitor que metaforicamente é atrelado a uma figura que ainda não foi capaz de sentir e perceber o acontecimento, no caso o apagamento da poesia tradicional e a chegada de uma poesia moderna. E retoma a afirmação dos heterônimos neste processo: "No meu céu interior nunca houve uma única estrela...", pode-se compreender que a estrela seja os heterônimos ou mesmo as referências poéticas/literárias que o poeta vem a apresentar ao leitor.

Nas estrofes seguintes há a prevalência da metaforização do poeta como a uma pedra de "mármore" e "Barricadas" e quando enfatiza ainda em: "Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 24), neste verso as pedras raras são consideradas as pedras incomuns, pedras preciosas. O alheamento pode-se entender ao que está alheio, ou ao lado do poeta, seriam eles os heterônimos que representariam os gestos do poeta? Ou o leitor?

Ao que indica o poema, tem-se um confronto entre o poeta e leitor, pois segundo Zibermam (1995) "A leitura não é dispensável, mas o leitor tem dificuldade em chegar ao âmago do poema instalando-se então o desencontro e a impossibilidade de comunicação" (ZIBERMAM, 1995, p. 12). O poeta trata o leitor como quem não consegue acompanhá-lo e segue lendo-o em silêncio, pois não é capaz de responder a altura do trono em que se coloca o poeta: "Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!" (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 25) o poeta mostra que o silêncio do leitor é a luz ao extremo e o quanto o seu poema é capaz de provocar no leitor a incapacidade de responder ao poema naquilo que foi confrontado.

A lâmpada acessa do poeta é a luz provida do silêncio do leitor e que se mantêm viva, no uso de uma expressão do paradoxo: "Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 24) e em "A minha alma é aquela luz que não mais haverá nos candelabros..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 24). A luz está relacionada às ideias do poeta, ao modernismo, à nova poética e o silêncio ao leitor. E quando ele introduz o candelabro que retrata um tradicional suporte de velas, ele alude no verso que suas ideias não serão mais sustentadas por nenhuma base tradicional. Já o silêncio cuja resposta o leitor não dá ao poeta, deixa-o à mercê de imaginar o que o leitor sentiu do poema: "E o teu silêncio é uma cegueira minha...Fitote e sonho..." (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 25), pois este silêncio representa um confronto que escurece o caminho e as possibilidades de iluminação que suas ideias (poema) vieram proporcionar, mas ele persiste direcionando o seu desejo de seguir com a poética.

Em Herberto Helder, o poema "*Para o leitor ler de/vagar*" cujo título inicia com a preposição 'para', demonstra que o poema se refere ao leitor e se dedica/destina ao

mesmo. O poeta abre o poema mostrando a razão da sua existência poética, que lhe cerca: o leitor. O que está ao seu redor é o leitor: "Volto minha existência derredor para. O leitor." (HELDER, 2009, p.128).

O leitor em Herberto Helder é uma condição também de ser dele mesmo enquanto poeta-leitor e de outros sujeitos que possivelmente virão a ler sua poesia. O poema ora estabelece um diálogo com o leitor ora fala da condição do leitor, quem é o leitor na sua poesia? O auxiliar? O espírito? A pedra? O leitor do poema?

> (...)
> auxiliar. O espírito, a pedra.
> Do poema.
> Leitor à minha frente. Vindo
> do mais difícil lado
> das noites.
> (HELDER, 2009, p. 130)

A presença do leitor no poema é uma constante, uma referência que norteará a relação que é estabelecida entre o poeta e seu leitor. Sua condição de leitor proporciona uma comparação, em paralelo, ao perfil de leitor que se espera de sua poesia. Mas para tanto o poeta se coloca a posto num diálogo em que expõe esse desejo.

Na terceira estrofe do poema o primeiro verso inicia-se com um travessão, sinal gráfico de um diálogo. O poeta dialoga com o leitor, como se conversasse com ele através da obra. Apresenta o leitor através da metáfora, a pedra, mas uma pedra diferente, especial, preciosa, rara e incomum. As pedras preciosas possuem características que lhe são peculiares como a transparência, a cor, a polidez e o valor que lhe é atribuída.

> Todo leitor é de safira, é
> de. Turquesa.
> E a vida executada. Devagar.
> Torna-se infiltrada cor da. Pedra
> do leitor.
> (HELDER, 2009, p. 128–129)

No poema há dois tipos de pedras, a pedra-leitor e a pedra-autor, a segunda apresenta-se uma pedra bruta, opaca, que precisa ser polida. Essa falta de polidez indica que o poeta precisa ser lido e compreendido pelo leitor para ser desconstruído e desvelar a sua poesia. A primeira pedra foi muito bem definida na terceira estrofe. O leitor que é "moroso" ou lento, não tem uma leitura limpa do poema, um poema "*sem poros*", se redobra na leitura, uma leitura atenta, difícil quase uma punição: "Leitor acentuado, redobrado leitor moroso./Que entende o relato sem poros," (HELDER, 2009, p. 129).

O silêncio do leitor é percebido no verso: "o mês atroz dealbado sobre a pedra/sem orelhas, "*pedra sem boca*". E que desce os dedos sobre. Meus dedos pelo ar. E toca e passa./Pelas pálpebras paradas. Pelos/ "*cerrados lábios*" até às raízes./E cai com seus dedos em meus dedos." (HELDER, 2009, p.129, grifo nosso). Em dois versos o poeta, dentro da metáfora pedra-leitor, remete ao silêncio do leitor cujas pálpebras são uma referência à leitura silenciosa através dos olhos.

O leitor em Herberto Helder tem um ritmo ditado pelo poeta através do poema, a sua poesia acaba definindo o perfil do seu leitor. Um leitor que espera, o texto tem que ser dado a ele, pois seu papel é daquele que não sabe nada.

> E espera devagar.
> Leitor que espera uma flor atravancada,
> balouçando baixa
> sobre. Mergulhados
> filamentos no terror devagar.
>
> Mas que espera. Doce. Contra o hermético
> movimento do mundo.
> E que o mundo movimenta contra.
> (...)
> Antigas, ignoradas, corridas. Sobre
> a primitiva face do poema. Leitor
> que saberá o que sabe dentro. Do que sabe
> de mais selado. E esperará
> dias e anos dobrado, leitor. Varrido
> pelo movimento dos dias.
> Contra o movimento nocturno do. Poema devagar. (HELDER, 2009, p.129-130)

Na chamada que faz ao leitor, o poeta retoma-o para que o mesmo entre em sintonia com o poema, para que a leitura não se perca, que o poema não morra, porque o tempo pode ser mais veloz que o leitor e o autor, pois os tempos do autor e do leitor não se confluem. O movimento do mundo de Herberto Helder é diferente do movimento do leitor. E fecha o diálogo com o leitor deixando quase que um pedido.

> Leitor: volto
> para ti. Um livro que vai morrer depressa.
> Depressa antes. Que a onda venha, a onda
> alague: A noite caída em cima de teus dedos.
> (...)
> Para eu batê-las durante o tempo.
> Eterno, o tempo. De uma onda maior que o nosso
> tempo. O tempo leitor de um. Autor.
> Ou um livro e um Deus com ondas de um mar
> mais pacientes.
> Ondas do que um leitor devagar.
> (HELDER, 2009, p. 130-131)

Silva (2000) ao analisar "*Os Selos*" de Herberto Helder trouxe à luz a questão do leitor em toda a poética de Helder e o paralelo da relação poeta-leitor reforçando a presença do poeta-autor. Para Silva (2000), "o leitor é recusado, enquanto entidade exterior ao poema e este exige dele - leitor – uma relação íntima e profunda." (SILVA, 2000, p. 10).

> se o poema exige do leitor uma aproximação filial – repare-se que raras as vezes se não encontra o 'eu' do poeta, no poema – pede-lhe também para que ele assuma uma atitude 'selvagem' e 'bárbara', perante a cultura das 'coisas', de forma que aquele – leitor -, em comunhão com o texto poético, consiga acompanhar as transmutações da palavra. (SILVA, 2000, p. 10)

Herberto Helder expressa no poema uma insatisfação ao sentir que o seu leitor precisa ser delineado, pois sente que sua poesia é incompreendida e não é qualquer leitor que consegue ler e compreendê-lo. O que exprime o desejo de que esta relação se estreite e aprofunde, e que o leitor se adentre na sua poética e o compreenda.

Herberto Helder se transmuta na obra, contudo o leitor tem que estar atento, pois não lê apenas um único autor/poeta, mas vários, que se transfigura em cada obra e nela se confunde.

O leitor é presença marcante e representação fundamental nas poesias de Fernando Pessoa, em "Hora Absurda" e de Herberto Helder, em "*Para o leitor ler de/ vagar*". A relação com o leitor mostra a preocupação dos poetas com a leitura poética. Ambos sentem uma lacuna quando veem-se reféns de um leitor desprovido de uma capacidade de enxergar o poeta fora do seu sujeito biológico, ver nele o poeta-autor.

As perspectivas do leitor e as perspectivas do autor se diferem no posicionamento em relação ao poema, cada um dos poetas vê o seu leitor como aquele que deve se confundir com a obra, e não o sujeito-autor estar imerso ou oculto na obra. Quem é o leitor e qual o seu papel frente a poesia dos poetas analisados? Este leitor que foi evidenciado na poética de cada um.

O leitor foi determinante da poesia modernista portuguesa, seu papel e representação prevalecem na poesia contemporânea em Herberto Helder.

INTERSEÇÕES POÉTICAS: FERNANDO PESSOA E HERBERTO HELDER

Luis Maffei (2006) e Manuel Gusmão (2010) apontaram em seus estudos que Herberto Helder em suas obras se colocou como uma extensão da obra, um conectivo da obra ou a obra seria ele mesmo. Houve referências do poeta que ao se tornar uma obra, criou para si mesmo um personagem, assim como fez Fernando Pessoa, em "*Hora Absurda*".

Em Fernando Pessoa, percebeu-se na sua poética o claro posicionamento de quem fala na obra é o poeta e não o sujeito biológico. Fernando Pessoa criou vários personagens (heterônimos) fingindo ser ele muitos sujeitos, os quais menciona-os metaforicamente como "*histriões*", "*Apolo fingido*", "*Todos os ocasos*".

A metáfora[8], um dos elementos da expressão da linguagem é muito presente nos poemas como uma forma poética e metalinguística de ambos tentarem falar da sua

8 A metáfora é um dos elementos da figura de linguagem que neste trabalho mereceu destaque para uma análise de seu uso figurativo, relacionado ao poeta e a poesia. Considerando a metáfora como recurso de linguagem que produz uma percepção de duplos sentidos poéticos, ela constantemente envolve os termos poeta e poesia, bem como outros que remetem ideias similares a estes termos. A metáfora observada aqui como um recurso linguístico que se distingue de outras formas de escrita, a poesia fala por si mesma através de suas próprias figuras de linguagens.

poesia ao leitor sem ser denotativo e ao mesmo tempo explicativo. Os poetas definem seus papéis na poesia, qual o lugar do leitor e seu papel e o que dele esperam e qual a função do leitor perante a poesia que lhe é apresentada.

Herberto e Fernando Pessoa cruzam, especificamente nestas duas poesias, elementos que representam o leitor, ambos usam a metáfora da pedra, da luz e o silêncio.

No caso das pedras, Herberto usa-a como uma metáfora comparativa até mesmo com o autor, a pedra opaca que emite sua luz através da pedra preciosa que brilha, o leitor. Gusmão (2010) aponta a poética de Herberto como a uma "transparência do pensamento da poesia sobre si própria, antes é movimento do poema fazendo-se e refletindo-se sobre si própria." (GUSMÃO, 2010, p. 379)

> Por aí, o 'poema' mais do que o *tema* de um discurso é uma 'personagem' ou uma figura indissociável do movimento do mundo verbal em que se inscreve, e que é assim dotada da mesma opacidade luminosa que caracteriza as outras figuras que formam a 'população' desse mundo. (GUSMÃO, 2010, p. 379, grifo do autor)

Em Fernando Pessoa, a poética do pensamento se faz presente da mesma forma que em Helder, pois a poesia Pessoana como ele mesmo gostaria que fosse interpretada é uma poesia advinda de um processo criativo e reflexivo do poeta-autor, não como fruto de um lirismo do sujeito, a presença da subjetividade, da unicidade poética, pois poeta/autor não se confunde com o sujeito biológico.

Sobre a luz, os poetas utilizaram o elemento dos candelabros como metáfora à poesia. O candelabro tem várias significações, representações histórico-culturais e religiosas, mas todas elas estão unicamente direcionadas a algo que ilumina, à iluminação, luz e suporte à iluminação. Contudo, pensar que o processo poético de ambos advém de uma iluminação, remete-nos ao pensamento renascentista de retomada aos valores e a filosofia da antiguidade grego-romana, à razão como forma de pensar as coisas do mundo. O candelabro por ser um elemento que representa a ideia da tradição, do passado que os poetas resgatam num momento de luz, a era das luzes, iluminados através da poesia que denota sentimentos voltados para o homem, para si mesmo. Nos versos dos dois poemas, o candelabro está ligado à razão, a alma ou sentimento, um ser iluminado - "*A doida*", "*cartas rasgadas*" -, pois é o pensamento que mantêm a chama acesa da criação.

Em Pessoa, tem-se os seguintes versos, o termo "*doida*" é interpretado como a relação com o sentimento, a alma do sujeito poético, o eu lírico:

> A doida partiu todos os candelabros glabros,
> Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...
> E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos candelabros...
> E quem querem ao lago aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?...
>
> (Pessoa in BERARDINELLI, 2012, p. 24)

Em Helder, os termos "ardentescura" e "candeia" remetem etimologicamente ao candelabro:

> Esta candeia que rodo amarela por fora,
> e ardentescura por dentro.

> Candeia tão baixa-viva. Sou lento numa luminos-
> idade como em meio de ilusão.
>
> (HELDER, 2009, p. 128)

A similaridade dessas estrofes poéticas de ambos diz quase da mesma ideia do afastamento do sujeito poético, do eu lírico no processo de escrita da *poiesis*. Ambos dizem a mesma coisa utilizando o mesmo recurso metafórico. Helder dialoga e comunga da mesma ideia de Pessoa, e parece beber nesta fonte Pessoana sobre a iluminação poética.

O silêncio é uma das metáforas mais recorrentes nos poemas dos dois poetas, o termo refere-se tanto ao silêncio poético, ao leitor e ao autor. Em Pessoa, o silêncio refere-se ao leitor a quem o poeta se dirige no poema através do pronome demonstrativo "*teu*". A representação do leitor como quem lê o poeta e se atém ao silêncio e na falta dessa recíproca de se saber o que o leitor compreendeu da sua poética. O silêncio remetido ao leitor é como se o poeta sentisse incomodado ao não saber o que o leitor absorveu da sua poética. O silêncio do leitor é um mistério a ser desvendado através da *poesis*.

O silêncio deixa o poeta a imaginar o que o leitor espera dele e a poesia que escreve se torna uma constante busca em alcançar o leitor imprevisível, indizível e misterioso. Até mesmo a comparação a um cadáver, cujo corpo inerte e silencioso não emite a vida ou a outrem o que está por trás da morte. O silêncio do leitor é instigador, constrangedor a ponto de perturbar o poeta, assim é o leitor para Fernando Pessoa. A representação no poema retrata o perfil de um leitor que não se comunica com o poeta ou com a sua poesia, mas essa incomunicabilidade é estabelecida quando o poeta se afasta do seu lirismo, pois o leitor tende a buscar e compreender os sentimentos do sujeito biológico na tentativa de criar uma identificação com o mesmo e consequentemente com a obra poética.

Herberto Helder apresenta o silêncio ligado ao órgão emissor da voz, a boca, e ao mesmo tempo como uma metáfora mais velada, com uma ligação indireta da boca como o elemento de seu sentido poético, em que se lê no verso: "Sou fechado/como uma pedra pedríssima. Perdidíssima/da boca transacta. Fechado" (HELDER, 2009, p. 128), neste trecho o poeta se compara a uma pedra da boca transacta, ou seja, sua origem parte de uma outra pedra cuja boca não se abre, não passa nada através dela. Seria a pedra -leitor cuja boca é transacta? A conjunção apresenta duas possibilidades de direções de leitura, uma de que a pedra-autor possui a característica da boca transacta, outra interpretação que é a comparação de sua pedra-autor além do adjetivo "*Perdidíssima*" surge da "*boca transacta*".

Outra passagem do poema em que evidencia o silêncio, o poeta ao falar do leitor, refere-se a ele como uma "pedra sem boca" (HELDER, 2009, p. 129), cuja leitura se esvai pela obra nas mãos e termina nos lábios sem movimentos, "cerrados lábios até às raízes." (HELDER, 2009, p. 129). E conclui retomando ao leitor, o poeta mostra que a obra nas mãos do leitor é como se estivesse preso no céu da boca do leitor que não dá a sua voz o brilho que ele espera: "Este livro apertado nas estrelas/da boca, estrelas./Aderentes fechadas. Por fora/leves às vezes, presas." (HELDER, 2009, p. 130-131).

O silêncio em Herberto prefigura a imagem de um leitor que não fala, que está preso à obra, sem voz, sem resposta ao poeta.

Fernando Pessoa e Herberto Helder parecem demonstrar uma inquietude quanto à incomunicação entre o autor e seu leitor, pois a única mediação que existe é a obra poética, a poesia escrita, o livro nas mãos sob o olhar atento e incompreendido do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo poético das obras e dos poemas elencados tornou possível buscar elementos que estabelecessem um diálogo entre os termos analisados, não que necessariamente implicassem na influência de um autor sobre o outro. A presença metapoética, permitiu uma busca dos termos que apresentassem o mesmo posicionamento de ambos os autores. Assim, dirimiu-se as ambivalências e uma possível divergência. O que se objetivou foi buscar um diálogo que estabelecesse uma ponte poética sem que houvesse a necessidade de um autor remeter ao outro ou buscasse no outro a mesma referência que queria expressar-se.

As poesias mostraram que através das metáforas, um estudo metalinguístico foi capaz de penetrar no pensamento poético em relação aos elementos intrínsecos a todo escritor: o seu exercício/ofício da escrita poética, a poesia, o leitor e a relação de todos eles com a obra.

Os elementos silêncio, pedra e luz, respectivamente, metaforizaram o leitor, o autor e a obra, o que demonstraram o diálogo sob uma análise do posicionamento e pensamento refletidos na poesia modernista e contemporânea portuguesas, que ambas comungam preocupações semelhantes sob o mesmo processo de reflexão poética.

Ambos poetas buscaram a mesma atitude perante a poesia, criar uma poesia que não falasse do sentimento próprio, do sujeito lírico, mas que falasse da visão do autor em relação àquilo que move o seu exercício poético: o leitor, a escrita (*poiesis*) e o ser autor.

As reflexões mostraram uma forte mudança na forma de tratar a poesia por um processo de racionalização poética em que o sujeito biológico se retira de cena e cria um autor que dialoga e expõe sentimentos de alteridade, não sendo ele o sujeito lírico. A poesia contemporânea de Herberto vem reforçar o propósito modernista português quando cruzamos as ideias e posicionamentos poéticos semelhantes em relação a mesma temática, embora a abordagem e o tratamento foram diferentes. Os elementos metafóricos analisados comungam a mesma ideia e traduziu o pensamento poético dos autores, o que demonstrou as interseções como um diálogo do pensamento poético de ambos.

A análise poética do poema de Herberto Helder respondeu à questão inicial de Décio (1971) quanto à dupla referência, uma ao sentimento do mundo e a outra quanto à palavra. A primeira pode ser percebida na abordagem da alteridade, em que Herberto e Pessoa transferem o sentimento ao autor e não ao sujeito lírico, na segunda referência foram várias as evidências textuais nos poemas que retratam a preocupação de ambos com o fazer poético e a preocupação de serem compreendidos em seu objeto, a poesia. Com isso, a segunda referência teve uma presença contundente da metapoesia, onde a construção da *poiesis* e suas interfaces foram alvos de reflexões dos poetas.

As tendências poéticas portuguesas apresentaram uma aproximação com o pensamento filosófico, retratando aspectos reflexivos, questionadores e observadores do mundo e da *poiesis*. Fernando Pessoa e Herberto Helder apresentaram poemas capazes de elucidar todo o conjunto poético que escreveram, uma vez compreendidos o seu papel/função pelo leitor, suas obras serão mais bem absorvidas. Nisso, os sujeitos se resguardam às manifestações alheias ao que sentem em relação a sua poética. A obra e o sujeito podem conviver isolados, em separado, um não precisa representar o outro, mas se interrelacionam a partir da criação, o criador (poeta) e a criatura (poesia), mas o sujeito é também leitor do mundo externo à obra.

Outros diálogos possíveis poderão abrir perspectivas de uma consonância quanto a trajetória da poesia portuguesa, a mensagem inicial do modernismo português traduz-se de diferentes abordagens na poesia contemporânea preservando seus princípios basilares de transmutação da palavra em seu constante exercício da escrita poética.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa**: antologia poética. [org.] Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012

CASTRO, Manuel Antônio de. **Poética e Poiesis**: a questão da interpretação. Rio de Janeiro: Departamento de Ciência da Literatura – Faculdade de Letras da UFRJ, 1998. Disponível em <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Facd.ufrj.br%2F-travessiapoetic%2Flivros%2Flivro4.doc&ei=M-NdUqiJDMeIkQeq_4 HwBQ&usg=AFQjCNG5nz3Xra4IX0_wua8o8Pk6V-qXSsg&bvm=bv.54176721,d.eW0 > Acesso em: 25 set. 2013

DÉCIO, João. **Introdução ao Estudo da Poesia de Herberto Helder**. Portugal, 1971.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio **Século XXI Escolar**: o minidionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUSMÃO, Manuel. **Tatuagem & Palimpsesto**: da poesia em alguns poetas e poemas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

HELDER, Herberto. **Ofício Cantante**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

MARTELO, Rosa Maria. **Em Parte, Incerta**: Estudos de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea. Porto: Campo das Letras, 2004.

SILVA, João Amadeu C. da. **Os Selos de Herberto Helder**: entre a apresentação do rosto e a biografia rítmica. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 2000.

ZIBERMAM, Regina. **Fernando Pessoa e o Leitor Ideal**. Rio Grande do Sul: Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFSM, n. 07-20 Edição Especial, jan/jul, 1995.

Disponível em <http://w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r10_r11/artigo%201.pdf> Acesso em: 25 set. 2013

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

COELHO, Nely Novaes. **Fernando Pessoa, a Dialética de ser em Poesia**. Jornal de Poesia, [s.n.].

Disponível em: < www.jornalde**poesia**.jor.br/nelly01.html > *Acesso em 25 set. 2013.*

HELDER, Herberto. **Ou o poema contínuo**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

LEAL, Izabela. **No reino das mães**: notas sobre a poética de Herberto Helder. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, pp. 127-138, 2008.

Disponível em: <*www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo8.pdf> Acesso em: 25 set. 2013.*

MAFFEI, Luis. **Herberto Helder, sim, o poema contínuo**. RJ: Revista Diadorim, vol. 1, UFRJ, 2006. Disponível em: <*www.revistadiadorim.letras.ufrj.br> Acesso em 25 set. 2013.*

PESSOA, Fernando. **Poesias.** Porto Alegre: L&PM, vol. 2, 2012. Sueli Barros Cassal (org.)

PICOSQUE, Tatiana Aparecida. **Herberto Helder e a apropriação parcialíssima de Episódios/A Múmia de Fernando Pessoa.** Revista Criação & Crítica, n. 7, pp. 23-34,

2011. Disponível em <http://www.ffich.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N7_TAPicosque.pdf > acesso em 25 set. 2013.

SILVA, Rogério B.; Oliveira, Silvana Maria Pessôa; MOREIRA, Wagner J. (org.). *Escritos sobre poesia*. Belo Horizonte: Scriptum, 2011. (Coleção Homenagemàpoesia I).